

Nos 95 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, celebrados neste sábado, uma análise sobre os ecos do movimento artístico, que influenciou na liberdade experimentada nos dias atuais

# O Brasil que abraçou a si mesmo

TATIANA NOTARO

O Modernismo não precisou da Semana de Arte Moderna para adentrar o Brasil, há quase um século. A historiografia pode até marcar 1922 como o início do movimento, mas muitos estudiosos discordam: São Paulo, que já era o centro econômico do País, foi mola propulsora, mas não o berço. Antes mesmo da programação que ocupou o Theatro Municipal de São Paulo, em fe-

**PARA PESQUISADORA DA UNICAMP, EVENTO FOI APENAS UMA FESTA PARA ANUNCIAR O QUE ERA FEITO NA ARTE**

vereiro daquele ano (exatamente por três dias, apenas), a essência modernista já estava pulverizada pelo País, trazida por uma elite recém-chegada da Europa e a mudança de paradigmas artísticos - com o abandono do excesso de métrica, do linguajar rebuscado - começava a existir. Havia, inclusive, a necessidade de mudança

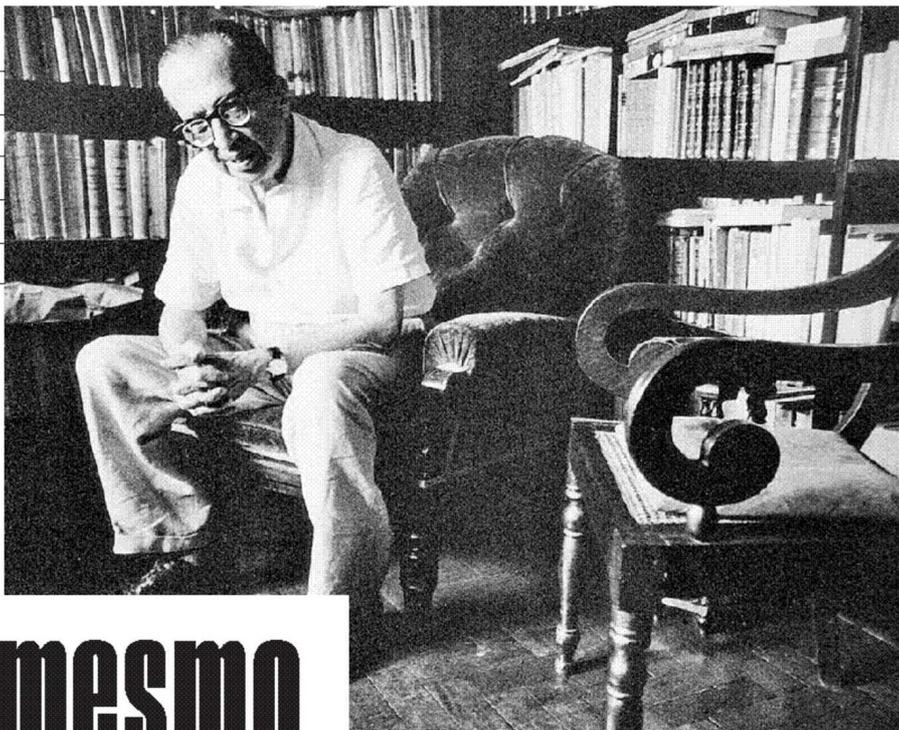
para que a arte se aproximasse de camadas mais populares que, para isso, precisava compreender o que via e lia e enxergar-se naquelas obras. Dizem estudiosos que Pernambuco foi um dos estados pioneiros, com nomes como Manuel Bandeira, Gilberto Freyre (e seu Regionalismo) e Joaquim Inojosa.

A Semana, nesse contexto, foi apenas uma festa para um grupo paulista anunciar o que estava sendo feito em matéria de arte. Tê-la como um marco do movimento é uma etiqueta pouco adequada, diz a ensaísta e professora titular de Literatura Brasileira da Universidade de Campinas (Unicamp), Maria Eugenia Boaventura. "A partir dali começaram a se reunir, a lançar livros. A questão é que não ficou só naquele momento, ou não estaríamos falando dela hoje". Bancado pela elite cafeeira e recebido entre aplausos e vaias, o evento teve incontestável contribuição histórica na atualização da linguagem artística.

Bandeira não quis prestigiar a Semana de São Paulo pessoalmente, diante das ressalvas que tinha ao evento, porque ele também abraçava a tradição e não estava disposto a negá-la. "Toda



vanguarda vem para quebrar com o passado, mas Bandeira era o ponto de equilíbrio: ao mesmo tempo em que produzia poemas de estilo concretista, também fazia sonetos, essa forma parnasiana. Ele foi abraçando o Modernismo aos poucos e, certa vez, disse: 'o Modernismo não deve nada a mim, eu que devo ao Modernismo'", afirma o especialista na obra do poeta pernambucano, André Cervinskis. Se em "A cinza das horas" temos um Bandeira a flertar com o movimento, com uso de versos brancos, "Carnaval", de 1930, registra seu abraço modernista.



RAFAEL FURTADO



Adentrar o Modernismo foi importantíssimo para o Brasil, que não poderia continuar vivendo a Literatura do século 19, "bem comportada", de fala difícil e versos herméticos. "Fomos abraçando. O Modernismo é o Brasil abraçado consigo mesmo, virando as costas para a Europa e vendo a si próprio", ensina Cervinskis. Bandeira não foi um entusiasta da Semana de 22 por não concordar com as propostas de rompimento com as tradições, capitaneadas principalmente por Oswald de Andrade. "Bandeira era mais ligado a Mário de Andrade e ambos foram figuras de equilíbrio, não tinham essa iconoclastia". Gilberto Freyre também pendia para o "lado" de Mário: conhecia a Europa e discordava que, aqui, deveríamos simplesmente reproduzir o que era feito lá.

**Especialista na obra de Manuel Bandeira (ao alto), André Cervinskis afirma que o poeta foi o ponto de equilíbrio da época, produzindo textos ora concretistas, ora parnasianos**